



“ADORO SAGAS, MAS NUNCA LI UMA AFRICANA”

Sérgio Linard Neiva Pimenta

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – linardsergio@gmail.com

Resumo

Um dos instrumentos mais eficazes no fomento da construção crítica e reflexiva de um estudante é a obra literária. Com a ascensão econômica vivida pelo Brasil nos últimos anos e o maior acesso à informação, jovens começaram a ler mais. Contudo, percebe-se uma ausência de diversidade nas narrativas e obras que são escolhidas por eles. No segundo semestre de 2015, a editora Companhia das Letras publicou o volume um da primeira trilogia romântica/fantástica angolana, *As areias do imperador 1: mulheres de cinzas*, de Mia Couto. O enredo não apresenta grandes diferenças das sagas românticas que ocupam as listas de mais vendidas, porém requer uma atenção maior; essa obra, além de ser baseada em fatos reais, apresenta ao estudante brasileiro, dos anos finais de ensino médio, a proximidade histórica entre Brasil e Angola, que leva o leitor a (re) conhecer e entender movimentos culturais existentes no país latino. Levantar arcabouços teóricos e propor medidas que indiquem a utilização dessa saga africana em sala de aula são os objetivos centrais deste trabalho, que recorre a Freire (1996), Zilberman (2008), Cosson (2006) e outros, para construir sua proposta de atuação e problematização sobre a importância de uma maior utilização de literaturas africanas nas escolas. Como resultado das pesquisas realizadas, é apresentado um apêndice com sugestões de obras literárias africanas – publicadas no Brasil - e séries escolares em que elas podem ser trabalhadas.

Sagas, Literatura africana, Ensino, Diversidades literárias.

Introdução

O ser humano tem como prática de conquista de direitos a reivindicação. Essa prática é bastante utilizada quando se tem o desejo de alcançar uma determinada ascensão cultural, econômica, política etc. Isso é um direito humano. Contudo, refletir sobre os direitos humanos é também refletir sobre as injustiças praticadas a eles e elas de tal forma que se faz necessário recorrer à fala de Cândido (2004) ao afirmar que “o esforço para incluir o semelhante no mesmo elenco de bens que reivindicamos está na base da reflexão sobre os direitos humanos”. O (a) professor (a) como membro ativo da sociedade organizada, deve incentivar o acesso aos seus alunos (as) dos mesmos direitos que ele (a) tem e, por isso, faz-se indispensável a inclusão de obras de literatura africana no currículo escolar, para que se garanta aos estudantes a possibilidade de maiores e melhores conhecimentos acerca deste enorme, e rico, continente. No entanto, contata-se que essas obras não têm chegado às salas de aulas com a eficácia que a Lei 10.639/2003 define. Entender os movimentos culturais africanos serve como arcabouço para melhor compreensão da sociedade brasileira e seus hábitos. Não obstante a isso, a proximidade histórica entre o país latino em questão e outras nações do continente africano, levou este trabalho a levantar dados e realizar pesquisas a fim de proporcionar um melhor conhecimento aos jovens brasileiros acerca da literatura africana, bem como apresentar uma proposta de utilização desses recursos em sala de aula seguindo o modelo educacional sustentado por Freire (1996) que tem como obrigação a rejeição de todo e qualquer tipo de preconceito. Ao entender o preconceito como um julgamento prévio daquilo que



não se tem conhecimento, resta ao docente a busca por ferramentas que corroborem para a formação crítica do (a) estudante.

A partir de diálogos com estudantes dos anos finais do ensino médio, percebeu-se uma grande ausência de informações sobre literaturas produzidas em África que pode ser justificada pela afirmação de Todorov (2010):

Como aconteceu de o ensino de literatura na escola ter-se tornado o que é atualmente? Pode-se, inicialmente, dar a essa questão uma resposta simples: trata-se do reflexo de uma mutação ocorrida no ensino superior. Se os professores de literatura, em sua grande maioria, adotaram essa nova ótica na escola, é porque os estudos literários evoluíram da mesma maneira na universidade: antes de serem professores, eles foram estudantes.

O que gera um alerta: os cursos de licenciatura necessitam melhorar e ampliar suas discussões e inclusões.

Notou-se, porém, um nítido interesse por parte dos (as) estudantes – dos anos finais do ensino médio - quando algumas dessas obras foram apresentadas (em excertos). O interesse surgia, com mais frequência, quando a história escolhida (*As areias do imperador 1: mulheres de cinzas*) narrava acontecimentos muito próximos daqueles que aconteceram no Brasil durante o século XVI; essas proximidades fizeram com que os (as) estudantes entendessem de forma crítica os acontecimentos nas terras de seu país; tais compreensão e abordagem corroboram a afirmação de Cosson (2006) ao defender como: “necessário que o ensino da literatura efetive um movimento contínuo de leitura, partindo do conhecido para o desconhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório do aluno.” Tendo isso em vista, a obra de Mia Couto foi escolhida por tratar-se da primeira saga de livros angolana (uma trilogia) e por ter sua narrativa central ocorrendo no país que mais exportou escravos para o Brasil nos tempos coloniais. A maior facilidade de acesso aos livros do autor, também foi um fator de influência. A escolha de uma saga (definida pelo Dicionário Escolar de Língua Portuguesa da Academia Brasileira de Letras como: “narrativas de aventuras históricas ou ficcionais”) motivou-se pelos incentivos de Freire (1996) que apresenta como sendo indispensável à prática docente emancipadora, um docente que respeite e considere os conhecimentos prévios e contextos do corpo de alunos (as), afinal sabe-se que o jovem leitor tem buscado, com o decorrer dos anos, livros que compõe o *hall* das famosas sagas.

Metodologia

A pesquisa pode ser classificada, tendo como base a taxionomia defendida por Vergara (1990), onde se qualifica em dois aspectos: quanto aos fins e meios.

Quanto aos meios a pesquisa foi bibliográfica, pois, para a fundamentação de argumentos expostos no trabalho realizou-se a investigação de publicações científicas que abordem principalmente os temas: literatura africana e ensino.

Tratando-se dos fins podemos classificá-la como exploratória, porque, embora o tema seja de grande relevância, os recursos encontrados são poucos, levando o trabalho à associação de teorias para compreensão do objeto.

Os dados foram coletados através de pesquisa bibliográfica em livros, dicionários, revistas científicas, jornais, teses e dissertações que tratam do assunto trabalhado, assim como a procura por dados no modelo online como vídeos, sites, e-books.

Resultados e Discussão

A observação dos fundamentos teóricos que baseiam este trabalho permitiu a constatação de uma extrema importância de investimentos por parte dos docentes em abordagens mais inclusivas da literatura em sala de aula. Adotar obras que trabalhem com essa diversidade e ainda tenham proximidade com a realidade histórica brasileira é uma atitude de necessidade urgente para os jovens estudantes. O livro de Mia Couto, adotado por este estudo, é um bom exemplo. A partir da leitura e exploração dessa obra o (a) docente é capaz de levantar debates críticos com seus alunos sobre a exploração do regime escravocrata em África, as heranças culturais que o Brasil recebeu (e recebe) de países como a Angola; a importância e a significação de um nome dentro de uma determinada cultura. Pode-se, ainda, chamar a atenção do (a) estudante para os possíveis movimentos exploratórios ocorridos em Angola que também ocorreram na América Latina portuguesa. A influência da religião no comportamento dos membros da sociedade, também é uma vertente muito forte em *As areias do imperador 1: mulheres de cinzas*.

O livro está dividido em 29 capítulos e possui dois narradores principais. Uma menina pertencente a uma das tribos angolanas, seu nome é *Imani*. O outro narrador é o sargento português responsável pela localidade onde mora *Imani*, *Germano de Melo*. Cada capítulo apresenta uma alternância entre os narradores, que por muitas vezes narram os mesmos acontecimentos adotando suas respectivas visões sobre os fatos. Essa alternância possibilita, além de outras intervenções, a exploração de conhecimentos da intertextualidade com os (as) alunos (as) a partir da proposição bakhtiniana do dialogismo que apresenta todo enunciado como resposta a enunciados anteriores. Pode-se ainda observar o *ethos* do discurso de cada um dos narradores, buscando construir junto ao discente as implicações culturais sobre as variações de perspectivas, diante dos acontecimentos apresentados no texto.

A título de exemplificação, um excerto do texto pode ser destacado para que ocorra a proposição de uma abordagem em sala de aula do livro. Trata-se de um diálogo entre a personagem *Imani* e sua mãe:

“– A sua mãe também era espancada? [Imani]

- A avó, a bisavó e a trisavó. É assim desde que a mulher é mulher. Prepare-se para ser espancada você também. [Mãe de Imani]”

O diálogo supracitado reflete o papel de uma mulher subserviente às vontades do homem na sociedade Angolana. Uma mãe que educa sua filha e a prepara para as agressões que virá a sofrer. Não obstante, observa-se que essas agressões são heranças históricas de todas as mulheres que compõem a genealogia dessa família. Uma vez que os estudantes se deparem com esse texto, torna-se imprescindível por parte do (a) docente o estímulo a considerações sobre a posição da mulher na sociedade, o compartilhamento de relatos, a reflexão. Comparações com mulheres da sociedade brasileira também podem e devem ser instigadas.

Outra abordagem para a obra é a apropriação de mão de obra negra de forma desumana, degradante e que tem como resultado um racismo histórico na sociedade mundial. Para ilustração destaca-se o



fragmento no qual *Imani* reflete sobre o trabalho dos negros e a cultura acerca disso:

[...] E dei comigo a pensar: nós, os negros sabemos mexer numa pá incomparavelmente melhor que outra qualquer raça nascemos com essa habilidade, a mesma que nos faz dançar quando precisamos de rir, rezar ou chorar. Talvez porque há séculos sejamos obrigados a enterrar, nós mesmos, os nossos mortos, que são mais estrelas. Outra razão haveria: os europeus teriam certamente, lá na terra deles, negros escravos que fariam esse trabalho.

Percebe-se no discurso da personagem uma velada constatação do negro como digno de trabalhos considerados inferiores pela comunidade europeia da época o que corrobora com a afirmação de Eduardo Galeano (2002) ao dizer que “três séculos e meio de escravidão são uma herança pesada e renitente.” Se trabalhado em sala de aula o professor encontrará em uma saga – gênero admirado pelos jovens leitores - a possibilidade de torna mais próximo e eficiente o debate sobre esse tema e os muitos outros aqui apontados.

A ausência de obras como essa em sala de aula, é reflexo da falta de produção científica sobre o tema tendo como enfoque a colaboração e desenvolvimento de ferramentas que auxiliem o docente em sua prática. Essa preocupação e o entendimento dos resultados da leitura na escola conforme apresenta Zilberman (2008) ao afirmar que “o leitor tende a socializar a experiência, cotejar as conclusões com as de outros leitores, discutir preferências. A leitura estimula o diálogo, por meio do qual se trocam resultados e confrontam-se gostos”, fizeram com que esta pesquisa elaborasse uma relação de livros (apêndice) produzidos em África e publicados no Brasil que podem ser trabalhados nas mais diversas séries e fases do ensino.

Considerações Finais

Entende-se como indispensável para o avanço da educação brasileira, uma prática docente mais inclusiva, que busque apresentar aos estudantes conhecimentos pouco explorados, como a literatura africana, e que provoque o debate para a criação de um senso crítico mais aguçado e um cidadão emancipado.

Recorrer a obras que estejam dentro do gênero literário mais lido pelos jovens leitores é uma estratégia que encontra base teórica em Freire (1996) e possui resultados consideráveis como os demonstrados por este trabalho. Não se pode desconsiderar o contexto do estudante na relação professor-aluno.

Não obstante encontra-se no Volume 10 do Parâmetro Nacional Curricular (1997) um respaldo para a preocupação com a abordagem de temas pluriculturais na escola. Como justificativa o documento diz que :

Pela educação pode-se combater, no plano das atitudes, a discriminação manifestada em gestos, comportamentos e palavras, que afasta e estigmatiza grupos sociais. Contudo, ao mesmo tempo em que não se aceita que permaneça a atual situação, em que a escola é cúmplice, ainda que só por omissão, não se pode esquecer que esses problemas não são essencialmente do âmbito comportamental, individual, mas das relações sociais, e como elas têm história e permanência. O que se coloca, portanto, é o desafio de a escola se constituir um espaço de resistência, isto é, de criação de outras formas de relação social e interpessoal mediante a interação entre o trabalho educativo escolar e as questões sociais, posicionando-se crítica e responsabilmente perante elas.

Ademais, é imprescindível a construção de conhecimento a partir de relatos dos (as) alunos como o

que intitula esta pesquisa; afirmações como essa devem despertar no (a) professor (a) o interesse pelo entendimento do problema explanado e a criação de métodos que solucionem a problemática, despertando no discente o interesse pela pesquisa, pelo diálogo, e, principalmente, introduzindo a esse aluno a sua posição de agente ativo no processo de ensino aprendizagem.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. *Dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2005.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Consulta pública à base nacional comum curricular*. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/documentos/BNCC-APRESENTACAO.pdf>. Acesso em: 04 de ago. 2016.

CÂNDIDO, Antônio. *Vários escritos*. 4 ed. São Paulo; Rio de Janeiro. Duas Cidades: Ouro Sobre Azul, 2004, p. 169-191.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006.

COMPANHIA DAS LETRAS. *Catálogo*. Disponível em <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12532> Acesso em: 04 de ago. 2016

_____. *Catálogo*. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=14072> Acesso em: 04 de ago. 2016

_____. *Catálogo*. Disponível em <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=12719> Acesso em: 04 de ago. 2016

_____. *Catálogo*. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=13505>. Acesso em: 04 de ago. 2016

_____. *Catálogo*. Disponível em: <http://www.companhiadasletras.com.br/detalhe.php?codigo=11805>. Acesso em: 04 de ago. 2016

COUTO, Mia. *As areias do imperador I: mulheres de cinzas*. São Paulo: Cia. Das Letras, 2016.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALEANO, EDUARDO. *O teatro do bem e do mal*. Porto Alegre: L&PM, 2002.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. 3 ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ZILBERMAN, Regina. *O papel da literatura na escola*. Via atlântica, v.14, dez. 2008.

APÊNDICE

Os livros listados abaixo não seguem uma ordem de importância e sim uma sequência alfabética do título da obra. As indicações de períodos para abordagem das obras têm como base o cumprimento dos objetivos estabelecidos pelo documento de consulta pública da Base Nacional Comum.

A cidade e a infância, de José Luandino Vieira – Cia das Letras. Os contos de ‘A cidade e a infância’ anunciam algumas das características que se tornariam marcas do escritor – a paisagem urbana e o contexto de pobreza e marginalidade de Luanda; a oralidade pronunciada da narrativa; o convívio e a tensão entre negros, brancos e mulatos; a crítica da modernização excludente. Engajado e radicalmente inovador, Luandino ajudou a consolidar a literatura angolana no período de luta contra a colonização portuguesa, criando uma dicção literária única (sua prosa madura é comparada à de Guimarães Rosa). O livro traz dez narrativas breves, inspiradas na infância do próprio autor, vivida nos bairros pobres de Luanda, em companhia de meninos negros e mestiços. O volume inclui algumas das ‘estórias’ (como o próprio Luandino as chama) mais conhecidas do autor – ‘Companheiros’; ‘O nascer do sol’; ‘A cidade e a infância’ e ‘A fronteira de asfalto’. Este último conto narra a história de duas crianças, um menino negro e uma garota branca, que são proibidos de se encontrar – são apartados por iniciativa da família dela, mas também pela ‘fronteira de asfalto’. (Fonte: *site* da editora)

Período indicado para abordagem do livro: 6º ano do ensino fundamental, para auxiliar o alcance do objetivo: “relatar oralmente o enredo de obras literárias menos extensas, como contos, fábulas, lendas, mitos, reconstituindo coerentemente a sequência narrativa” (Base Nacional Comum, p. 54)

As areias do imperador 1: mulheres de cinzas, de Mia Couto – Cia das Letras. Primeiro livro da trilogia *As Areias do Imperador*, *Mulheres de cinzas* é um romance histórico sobre a época em que o sul de Moçambique era governado por Ngungunyane (ou Gungunhane, como ficou conhecido pelos portugueses), o último dos líderes do Estado de Gaza - segundo maior império no continente comandado por um africano. Em fins do século XIX, o sargento português Germano de Melo foi enviado ao vilarejo de Nkokolani para a batalha contra o imperador que ameaçava o domínio colonial. Ali o militar encontra Imani, uma garota de quinze anos que aprendeu a língua dos europeus e será sua intérprete. Ela pertence à tribo dos VaChopi, uma das poucas que ousou se opor à invasão de Ngungunyane. Mas, enquanto um de seus irmãos lutava pela Coroa de Portugal, o outro se unia ao exército dos guerreiros do imperador africano. (Fonte: *site* da editora)

Período indicado para abordagem do livro: três anos do ensino médio, conforme objetivo: “interpretar e analisar obras africanas de língua portuguesa, bem como a literatura como lugar de encontro de multiculturalidades.” (Brasil 2016, p. 62)

AvóDezanove e o Segredo do Soviético, de Ondjaki – Cia das Letras. A Praia Do Bispo é um bairro tranquilo de Luanda – o Velho Pescador cuida de sua rede, o Vendedor De Gasolina espera um cliente que nunca chega, Avó Agnette e Avó Catarina conversam com a vizinha e ralham com os miúdos. As obras de um mausoléu, porém, transformam e ameaçam o cotidiano – soldados soviéticos comandam os trabalhos de construção do monumento, e o projeto de revitalização do local ameaça desalojar os moradores. As crianças da Praia Do Bispo assistem a tudo com seus olhos inocentes mas agudos, e divertem-se com as brincadeiras de rua e com a presença extravagante dos estrangeiros. Elas começam a desconfiar que os ‘lagostas azuis’, como chamam os soviéticos,



podem estar tramando algo confidencial. Mas o segredo do soviético pode ter a ver com outras coisas – a enorme quantidade de sal grosso encontrada no depósito da construção, os pássaros de plumagens coloridas mantidos presos em gaiolas ou a dinamite estocada nos barracões do canteiro das obras. (Fonte: *site* da editora)

Período indicado para abordagem do livro: 9º ano do ensino fundamental, conforme o objetivo: “reconhecer conflitos e tensões sociais como dimensões inerentes da vida social, resultado da diversidade de interesses e de visões do mundo.” (Brasil, 2016, p. 257)

Bom Dia, Camaradas, de Ondjaki – Cia das Letras. O menino, filho de um alto funcionário do governo, tem um pajem – o ‘camarada António’, cozinheiro e voz de uma certa camada popular -, estuda numa boa escola, que tem professores cubanos, e desfruta de algumas benesses, como pegar ‘boleia’ (carona) no carro do Ministério e contar com telefone e ‘geleira’ (geladeira) em casa. (Fonte: *site* da editora)

Período indicado para abordagem do livro: 7º ano do ensino fundamental, conforme o objetivo: “perceber que crenças e ideologias religiosas podem determinar ou orientar valores, atitudes, e comportamentos, contribuindo com a superação dos processos de exclusão e desigualdades e, por vezes, com a sua reprodução.”. (Brasil, 2016, p. 292.)

Niketche – Uma história de Poligamia, de Chiziane. – Cia das Letras. O romance retrata a busca de Rami como uma incursão pelo desconhecido e uma tentativa de lidar com a diferença, simbolizada pelas amantes do marido. Niketche é uma das danças do norte de Moçambique, extremo oposto de onde mora Rami. Ritual de amor e erotismo, a dança é desempenhada pelas meninas durante cerimônias de iniciação. Narrado em primeira pessoa por Rami, o livro alterna bom humor e lirismo. Neta de uma contadora de histórias, Chiziane herdou da avó o talento narrativo para construir histórias simples e envolventes sobre a vida cotidiana em seu país. (Fonte: *site* da editora)

Período indicado para abordagem do livro: 2º ano do ensino médio, conforme o objetivo: “compreender a estigma socioantropológica sobre sexo, sexualidade e gênero”. (Brasil, 2016, p. 300)